

DEPARTAMENTO DE LETRAS
**DIÁLOGOS SOBRE MÍDIA E ENSINO
ENTRE PROFESSORES DE LETRAS**

Núbio Delanne Ferraz Mafra (UEL)
nubiomafra@yahoo.com.br

Neste texto, procuraremos desenvolver uma aproximação em relação às várias leituras inscritas nos diálogos e mediações sobre mídia, ensino e licenciatura dos professores do curso de Letras Vernáculas da Universidade Estadual de Londrina (UEL), curso no qual atuamos como docente de Metodologia e Prática de Ensino de Língua Portuguesa.

Os depoimentos destes professores foram obtidos a partir da entrevista com eles desenvolvida durante o nosso doutoramento (Mafra, 2007). A pesquisa buscou compreender a relação entre as questões de mídia e ensino na constituição das licenciaturas em Letras.

Professores do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas (LET)³² durante o período 1995-2002, ligados direta ou indiretamente à linha de pesquisa do departamento “Ensino-aprendizagem e Formação do Professor de Língua Portuguesa e Outras Linguagens”, foram alguns dos informantes da pesquisa. Além dos professores do curso, foram entrevistados alunos egressos (professores em atividade no ensino fundamental e médio) e analisados projetos de ensino, pesquisa e extensão, eventos e cursos, dentre outros documentos, relativos ao período analisado.

Buscamos entrevistar também professores ligados à graduação em Letras que, independentemente de sua ligação com a referida linha de pesquisa, tivessem desenvolvido algum tipo de interface com a cultura midiática e/ou a linguagem das mídias: (A) como coordenador de projetos de ensino, pesquisa ou extensão relacionados ao assunto; (B) como docente de disciplinas da graduação em diálogo direto com a linguagem midiática; (C) como membro de comissão de reformulação curricular que tenha fomentado a discussão sobre a necessidade de múltiplas linguagens na licenciatura em Letras.

Neste sentido, 7 colegas professores foram selecionados para a entrevista. Na seleção de cada um deles, alguns critérios se destacavam, diferenciando o perfil de cada entrevistado dos demais. O anonimato de

³² Apesar de LVC ser a sigla institucional do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, optamos neste trabalho pela utilização da sigla LET, pela qual ele é conhecido.

todos os informantes esteve assegurado, mas, no caso dos professores do curso, a sua função desempenhada à época algumas vezes necessitou ser explicitada no corpo da análise por ser significativa na constituição das relações de poder.

Esta multiplicidade de lugares acadêmicos e objetos de interesse propiciou ao longo das entrevistas o desvelamento de algumas diferenças, ainda que muitas vezes resguardadas pelo sentimento corporativo de grupo. Junto às similaridades, olhares também se fizeram diferentes nas complementaridades, sinalização de outros caminhos e questões e até mesmo nas oposições conceituais e/ou curriculares – esta última, ainda que manifestadamente forte por alguns, em menor escala no conjunto das entrevistas.

De antemão, o que se pode constatar nesta estruturação é a grande importância que os professores entrevistados conferem às relações de trabalho na construção de um currículo atento às questões midiáticas. Ao se incorporarem a uma instituição educacional, os professores incorporam um conjunto de história, rotinas e estilos, e passam a procurar uma forma de relacionar suas perspectivas e expectativas com aquelas que a instituição tem em relação a eles (Contreras, 2002).

Ao olharmos para as relações de trabalho, estes movimentos de aproximação e afastamento se mostram profundamente constitutivos do fazer cotidiano deste currículo, conforme confirmam as entrevistas. É forte e constante este olhar para o outro, para o colega.

As aproximações podem ser construídas com outra área de conhecimento – como é o caso do Prof2,³³ que revela ter *“uma ponte mais ou menos sólida com o pessoal de Comunicação”*, na medida em que trabalha com Análise do Discurso –, com outras áreas dentro do mesmo departamento – *“curiosamente, parece que não há muitos alunos inscritos, mas eu percebi um interesse principalmente do pessoal da sua área de Metodologia [...] não interessados em fazer a disciplina, não é isso, mas interessados na coisa.”* (Prof4) – e até mesmo relações individuais, independentes da área, como a mesma Prof4, que chega a citar o nome da colega:

– ...existem pessoas no departamento que são muito sensíveis, que gostariam de que as mudanças fossem implantadas, mesmo não sendo da área. Um

³³ Os professores entrevistados estão representados neste texto pela expressão *Prof*, acompanhada do número seqüencial.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

exemplo disso é a X.³⁴ A X. ela não tem nada a ver com a minha área, nada, nem gosta do que eu faço, teoricamente, mas é uma pessoa que tem alguma coisa que é importante. É um elemento importante que contribui pra uma maior reflexão, não é verdade?

Comentários na mesma direção também dos professores 5, 6 e 7 reforçam o conjunto de relações profícuas destes professores com outros colegas e/ou áreas. Ainda, a maior parte dos olhares para o outro identifica muito mais hiatos, silêncios.

Para Soares (1988), os educadores desconhecem as teorias e técnicas que regem as atividades da Indústria Cultural, indo para a visão parcial da Semiótica, Lingüística, Sociologia e Filosofia. Compreender a mídia implica, pois, o necessário trânsito e articulação entre as diferentes áreas de conhecimento.

Não obstante as relações de amizade necessárias ao convívio profissional, poucas vezes os colegas se apresentam como parceiros profissionais. Para os professores entrevistados, os colegas são identificados principalmente como alheios ao seu trabalho, às suas reflexões acadêmicas, aos seus objetos de pesquisa. Se este alheamento profissional já seria nefasto para qualquer problemática do campo da linguagem e ensino, o problema atinge proporções ainda maiores quando incluímos neste campo a figura da mídia, que demanda uma interseção de saberes, de olhares e, por extensão, a constituição de amplo e diversificado trabalho de grupo.

Lortie, citado por Contreras (2002), identifica que muitas vezes os professores desenvolvem determinadas orientações no seu trabalho baseadas no “presentismo” (que representa focar seu trabalho no curto prazo dos resultados das suas próprias aulas), no “conservadorismo” (que foge de qualquer discussão, reflexão ou envolvimento com mudança) e “individualismo” (que rejeita colaborar com os colegas por temer julgamentos e críticas resultantes desta colaboração). Ainda que os entrevistados não explicitem quaisquer destas orientações eventualmente observadas nos seus colegas, eles deixam explícitas as diferentes circunstâncias e maneiras nas quais se apresenta este distanciamento profissional.

Quando a mídia é objeto de um projeto de pesquisa, por exemplo, este distanciamento por parte de professores que poderiam vir a participar do projeto apareceu na forma de “*rejeição pessoal ao equipamento*”,

³⁴ A letra X substitui o nome da professora.

ainda que eles compreendessem a mídia em questão – no caso, o computador – muito mais como um recurso em si.

– Ninguém se posiciona abertamente contrário a isso. [...] É aquele chavão, aquele clichê: “é necessário que a gente renove os recursos, a gente deve ficar menos no retroprojeto” [...] Alguns chegavam até a dizer “ah, não, computador não, computador eu tenho medo, não sei nem...” e alguns desses colegas – que não estão nem aí e eu não quero ser delator de ninguém, não é o caso de identificar ninguém – usam a internet com muita habilidade, fazem seus textos pela internet e tal. Mas naquele momento – que a coisa foi muito rápida, esta incorporação tá sendo muito rápida, felizmente, que seja mais rápida ainda – mas as pessoas, especificamente em 98, 99, ainda estavam mais resistentes. [...] Eu não sei se é rejeição da parte das pessoas. Eu acho que é uma rejeição “compreensível” (pra amenizar) ao desconhecido, ao medo do desconhecido, ao medo de errar, ao medo de perder tempo. Tem uma coisa aí a ver com idade. (Prof2)

Quando há uma recusa total, o professor corre o risco de naufragar, porque a recusa pode contribuir para a construção da imagem acadêmica de um sujeito conservador, que tem medo. Por outro lado, quando o professor se apropria do computador como recurso instrumental, ilustrativo, do seu trabalho, ele se apresenta como capaz, ao menos ameniza os contornos de sua imagem acadêmica. Ao se abrir – ainda que minimamente, atravessado pelos riscos inerentes a qualquer tentativa – ele se protege de críticas maiores.

O computador se vê encarado como um artefato tecnológico desentranhado da linguagem específica que o constitui. Nestes termos, o trabalho com esta mídia, para muitos destes professores, significa levar em conta somente a linguagem verbal nele inserida, desconsiderando seus suportes, suas formas de recepção e outras formas de linguagem ali presentes. Ainda que este conjunto de fatores é que façam a diferença, constituam a especificidade desta linguagem midiática. Quaisquer novos dispositivos midiáticos e linguagens inscritas nestes dispositivos irão exigir do professor de Letras mais do que saber a fonética, a morfologia da frase, da palavra. Eles demandarão a busca de outros conhecimentos pra entender aquela problemática que aquele professor não consegue entender.

Projeto de pesquisa na área de Literatura que tratava de questões contemporâneas relativas ao texto literário, incluindo reflexões sobre a cultura de massa, também encontrou dificuldade de diálogo entre colegas daquela área expressa na pouca participação de docentes neste projeto, conforme relato do Prof7.

Todavia, instado a olhar para o currículo de Letras e seus objetivos, tendo em vista o tratamento da cultura da mídia num curso específico de formação, o mesmo Prof7 vê dificuldades em fazer uma avaliação precisa, porquanto admite não conhecer a fundo o trabalho de determinados colegas – às vezes nem de determinados colegas da própria área, quanto mais dos colegas de outras áreas.

De qualquer forma, a associação inexorável do diálogo a fatores positivos nas relações de poder estabelecidas não costuma dar conta da complexidade da questão. Ainda que sem querer inviabilizar o diálogo, Moreira e Macedo identificam situações em que as possibilidades e as vantagens da conversação se fazem muitas vezes ambíguas. “Há situações em que as assimetrias de poder e de *status* fazem com que o diálogo se mostre mais arriscado para certos grupos que para outros. Há ocasiões em que os pressupostos tácitos de uma conversação são tais que a única forma de desafiá-los é a recusa do diálogo.” (2002, p. 23). No que se refere ao diálogo, ao invés do seu reverenciamento vazio calcado no senso comum, é necessário que estejamos sempre atentos às suas condições de produção, na forma de conversa ou como silêncio.

Como se não bastassem todos estes problemas a tensionar o processo de formação, tanto inicial quanto contínua, temos ainda os desafios de pensarmos a formação dos nossos professores de Letras para além da chamada cultura letrada, incorporando outras culturas como a oral e a audiovisual. Ao mesmo tempo, ensinar a ler pode e deve transcender a materialidade dos livros, transformando este processo em ponto de partida para alfabetizações informáticas e multimidiáticas.

Instado a articular este cenário que ora apresentamos com os desafios que a cultura midiática lança a uma licenciatura como a de Letras, o Prof2 pondera:

— O curso de Letras trabalha com a palavra, com o verbo, com o texto fundado na palavra. Não no imagético. Então, por exemplo, você vai trabalhar com a fotografia, você tem que entender de cor, de brilho, luminosidade, exposição gráfico-visual. Eu não rejeito totalmente que se trabalhe, mas eu acho que [...] você, pra trabalhar com discurso, com o texto sincrético, texto sincrético é aquele que combina as várias possibilidades de linguagem, nós que somos de Letras nós temos que trabalhar com a palavra. Em primeiro lugar, priorizar a palavra; o resto é enfeite, é complemento. Claro que você não vai ignorar o contexto de produção, onde a palavra está inserida, você vai descrever alguma coisa da cor, do fundo etc.

[Entrevistador] – Só não está claro pra mim uma questão do que você está falando. Você está colocando em cima do que “é” ou do que “deve ser”? Em

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

outras palavras, você acha que o curso de Letras é assim, por concepção focado no verbal e, portanto, qualquer questão é uma outra questão, ou você acha que o fato de aparecerem outras demandas está nos chamando para um redimensionamento das propostas do curso de Letras?

– Sim, eu acho que sim. Você perguntou assim: “dentro do curso de Letras leva-se em consideração outras modalidades, que não apenas os textos tradicionalmente trabalhados?”. Eu acho que se leva em consideração. Agora, consegue-se dar pro aluno, futuro professor, a formação adequada pra trabalhar com esses textos? Não, isso não se consegue. As pessoas que dão a formação estão sensibilizadas pro fato de que a gente tem que abrir pra outras linhas. Agora, conseguem trabalhar? Não.

[Entrevistador] – Uma das linhas de pesquisa do departamento, recém reformulada, é a de ensino. Agora está vindo “ensino de língua portuguesa e outras linguagens” e na ementa fala em “linguagens sincréticas”.

– Eu acho que aí fica estipulado “juridicamente” que você reconhece que existem textos que são verbais e que não são verbais. Quando você fala “não verbais”, está falando de alguma coisa que não é a matéria-prima de Letras. Eu sei, por exemplo, que há uma disciplina proposta na pós-graduação que é a “Semiótica da Imagem”. Está bem claro. Eu fiz já curso de Semiótica da Imagem, achei maravilhoso e tal. Agora, tem coisa que eu não dou conta. Por exemplo, fotografia. Eu não trabalho com abertura da lente, do ângulo...

[Entrevistador] – Mas você acha que isso descaracteriza um curso de Letras?

– Pelo contrário. Eu acho que é possível, bem vindo, extremamente bem vindo, mas nós temos que “dar nome aos bois”, nós temos que estabelecer limites. Você trabalha com palavra, esse é o prato do dia. O resto é adereço.

Entendemos ser importante a transcrição integral deste trecho da entrevista, não obstante a sua maior extensão, pelo o que ele nos propicia em sua riqueza de abordagem e de contraponto, no interior da crise que visualizamos. Além do mais, este professor não está só em sua preocupação com o tratamento da linguagem não verbal; a Prof4 também identifica esta dificuldade:

– Analisar o não verbal, olhar o não verbal com olhos não verbais é praticamente impossível. [...] Existem instrumentos pouco conhecidos pra você abordar uma imagem além daquilo que ela ‘representa’, vamos dizer assim, além daquilo que se diz que ela representa. Esmiuçar uma imagem significa perceber um alfabeto que existe por traz dessa imagem.

Parece-nos que a problemática mídia/educação ainda carece de maior balizamento, melhor definição de objetos e práticas a serem construídas na pesquisa sob a ótica da Educação, com os trabalhos circundando os temas sem neles mergulhar, como se temendo os embates com as práticas pedagógicas cotidianas. Nada de novo no *front*. É um procedimento ainda marcante na Educação, área de conhecimento interdiscipli-

nar que, na maioria das vezes, parece se satisfazer apenas com a antropofágica satisfação deste movimento relacional. Nas Letras, por seu turno, olha-se tanto o objeto, especializam-se ainda mais as especialidades.

– ... nós organizamos aquele objeto como algo que foi pensando como objeto lingüístico. Ele não é objeto lingüístico pra quem usa. Nós o douramos, nós o endeusamos, nós o mitificamos, nós esquecemos que aquilo faz parte de todo um contexto em que de repente é o sol que está no rosto da pessoa, é o cheiro que tá vindo da cozinha... você percebe o objeto sem observar o contexto. E isso é que me parece complicado. Nós deveríamos perceber o objeto nessa continuidade. (Prof1)

Vivemos um tempo mais aberto à exploração própria – para o bem ou para o mal –, num veloz e cada vez maior/menor tecno-mundo de diferentes e integrados sentidos. A questão que colocamos é que papel a escola – e, particularmente, uma licenciatura em Letras – tem se disposto a jogar neste contexto de variadas linguagens.

Dadas estas dificuldades de intercâmbio para o trabalho com a linguagem midiática e ensino, muitos dos professores entrevistados acabam construindo saídas próprias, na maior parte das vezes individuais ou relacionadas ao seu núcleo de pesquisa. A Prof4, por exemplo, fala das alternativas que tem desenvolvido e reconhece que este trabalho carece de maior articulação: “– *Eu tenho dado uns cursinhos por aí e vejo resultados fantásticos. [...] Nós também podemos fazer muita coisa. Bom, eu estou lançando uma sementinha. Cada um vai lançar a sua. Vamos tentar*”. A Prof6, também ciente desta dificuldade, procura se informar por meio de seus alunos sobre trabalho desenvolvido pelos colegas.

– Eu fico perguntando pros alunos o que os professores estão trabalhando, pra ver se eu consigo fazer essa ponte. Não que todos tenham essa preocupação não, mas eu tenho, porque aí vai facilitar o meu trabalho, o trabalho deles, o trabalho de eles ficarem mais competentes lingüisticamente.

Como bem afirma Certeau,

A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. [...] Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. [...] Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. (2002, p. 100-101)

Se o diálogo direto se faz dificultado, o professor carente desta interação constrói táticas, caminhos alternativos e legítimos para atingir os objetivos pretendidos.

Todavia, a Prof4 identifica soluções para este descompasso a médio e longo prazo. Para ela, o desenvolvimento das pesquisas e discussões da pós inevitavelmente gerarão frutos na graduação após uns 5 anos. Mas ela já consegue enxergar algumas transposições atualmente, ainda que poucas. “– *Na questão de gêneros, na questão de classificação de gêneros acho que já se tem um certo conceito. Não tinha. O pessoal de Língua Estrangeira tá trabalhando com gênero também.*”

No âmbito da identificação de alternativas à articulação da cultura midiática às Letras, o Prof2, por exemplo, entendendo que o aluno produz discursos em função do seu contexto sócio-histórico e de sua memória discursiva, visualiza como possibilidade para esta articulação a abordagem mais sistemática e explícita na licenciatura de questões próprias da Análise do Discurso e da Pragmática. Ao falar das alternativas que tem desenvolvido, a Prof4 enxerga na Semiótica Não Verbal um caminho, ainda que reconhecendo a necessidade de uma maior articulação deste trabalho.

Alguns professores reconhecem a importância e o desenvolvimento dos estudos sobre gêneros textuais nos últimos tempos como forma de contribuir para esta articulação com as questões midiáticas. Todavia, procuram adotar um discurso que vai do crítico ao cauteloso para tratar do assunto.

O Prof1 visualiza a discussão sobre gêneros muito ainda no âmbito do modismo – menos por conta da temática em si, porém mais por conta do entusiasmo de muitos, não todos, que a ela têm se dedicado estudar. Além disso, critica o que chama de “excessivo descritivismo” dos estudos atuais, esquecendo-se também as situações de uso, receptivas e cognitivas de leitura e compreensão. Nestes termos, ainda segundo o professor, o gênero textual estaria se tornando mais importante que o texto em si.

A Prof4 vê a alternativa dos gêneros textuais como uma otimista possibilidade, mas procura tratar do assunto de forma parcimoniosa. Indagada por nós se, no âmbito de uma compreensão positivista de pesquisa em que formação de professores e pesquisa andam separadas, seria possível o tratamento da linguagem da mídia nos cursos de formação de professores em Letras, ela responde:

– Eu acho que a pós-graduação vai dar uma mexida nisso. A própria urgência. A gente tá chegando num limite. Fala-se muito em gênero, gênero, gênero... e aí? Mas já existem na pós-graduação duas professoras que ingressaram nos últimos dois anos trabalhando com gêneros. A necessidade vai fazer

DEPARTAMENTO DE LETRAS

do surgir e ampliar as coisas. Mas alunos estão trabalhando com texto e imagem. Eu tenho vários alunos trabalhando com imagem: televisiva, cinematográfica, agora entrando um pouquinho no rádio. Eu tô tendo vários alunos de mestrado de Jornalismo, de Artes, a gente tem um arquiteto, agora tem uma professora que é gravurista, trabalha com gravuras. Então essas mesclagens, eu acredito que no dia em que abrirem a pós-graduação em Artes aqui, vai ter gente de Letras querendo fazer com eles lá.

Para Martín-Barbero (2000), pensar as mudanças significa compreender a relação das mídias com novas sensibilidades e identificar as oposições existentes entre um ambiente educacional difuso e descentrado, carregado de informações e conhecimentos múltiplos, fora do espaço-escola e da figura social do professor e o ambiente tradicional, centrado na escola, no professor e no livro. Neste contexto, segundo Martín-Barbero, o professor muitas vezes se cerca na atitude defensiva de supervalorização do modelo pedagógico do livro e amaldiçoamento da mídia como frívola, alienada e manipuladora.

Em consonância com a dimensão contextual expressa por Martín-Barbero, o Prof1 entende ser um equívoco a construção de caminhos com base pura e simplesmente na inclusão ou substituição de disciplinas e áreas de conhecimento. Mais do que um novo currículo, dever-se-ia buscar a construção de um novo olhar para as questões de ensino na licenciatura, um novo método.

[Entrevistador] – Seria uma questão menos de conteúdo e mais de método?

– Mais de método. O problema é, sempre, método.

[Entrevistador] – Ou seja, pra esse novo sujeito, pra essa nova realidade, os conteúdos das Letras são pertinentes?

– São pertinentes. O que falta a nós é compreender...

[Entrevistador] – ... são suficientes?

– Talvez sejam excessivos. Talvez a gente esteja querendo algo que a sociedade não precise. Não estou dizendo que a ciência não pode progredir. A ciência deve progredir. O conhecimento nosso da Linguística e da Literatura tem que progredir. Mas o que é importante desse nosso conhecimento tem que ser compartilhado com o geral da sociedade – portanto, com os alunos que vêm à universidade e voltam pra essa sociedade.

[Entrevistador] – Mas quando você diz que eles são excessivos, você descarta, você entende que somente no campo das Letras se dá conta desses problemas da linguagem? Eles são suficientes pra dar conta?

– O que eu estou pensando em “excessivo” não é isso. Não é que você vai tirar um pouco. Você tem que tirar um pouco desse excesso, mas o excesso burilante, do excesso vertical. O que está faltando, me parece, é uma amplitude

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

de horizontal [...]. Nós estamos dando ao alunado o conhecimento da micro-estrutura.

Ao analisar os problemas do currículo de Letras então vigente, o Projeto Político-Pedagógico do novo curso de Letras implantado em 2006 (UEL, 2005) reconhece a ausência de diálogo no currículo anterior. Ao mesmo tempo em que reconhece a ausência do tratamento midiático naquele currículo, aponta para a sua presença nesta nova proposta na forma de módulos para um tronco comum no 1º ano, onde se espera que ocorra o diálogo entre professores e destes com os alunos. Nestes módulos prevê-se inclusive a abordagem das “novas tecnologias”, colocando em relevância assim, de certa forma, o aspecto interdisciplinar presente nas mídias.

Desta forma, espera-se a formação de um profissional que, dentre outras competências e habilidades, esteja pronto para atuar interdisciplinarmente “além da base específica, [...] em áreas afins. Deverá ter, também, a capacidade de [...] trabalhar em equipe e comunicar-se dentro da multidisciplinaridade dos diversos saberes que compõem a formação universitária em Letras”.

Todavia, o projeto não contempla o tratamento das diferentes especificidades das mídias e mantém uma concepção instrumentalizadora na sua relação com as questões de linguagem e ensino.

Outro aspecto negativo diz respeito à ausência de conteúdos, nas ementas, que instrumentalizam o aluno para o uso de novas tecnologias. Estas novas tecnologias são recorrentes tanto no âmbito das técnicas didáticas como de acesso a informações. Nesse sentido, os módulos e algumas disciplinas metodológicas incorporaram atividades que propiciam ao aluno o contato com estes instrumentos. (UEL, 2005, grifos nossos).

O uso dos termos destacados, mais do que apontar o lugar reservado à mídia neste projeto político-pedagógico, denota a concepção hegemônica sobre mídia e formação de professores na seara das Letras. A linguagem midiática é pensada e tratada somente como “recurso”; seu “fundamento” não importa (Pretto, 1996). Ação sem reflexão, prática sem teoria. Por consequência, construção de um praticismo que desconsidera a necessidade de um tratamento mais acurado nas relações entre linguagem, mídia e ensino.

Para alguns professores, há uma esperança de modificação ou ao menos melhoria da dificuldade de diálogo, mas uma esperança que não se confunde com o surgimento de sujeitos ou atos redentores. “ – *E eu espero que o currículo novo consiga esse diálogo. Se bem que, como as*

DEPARTAMENTO DE LETRAS

peessoas são as mesmas, e cada um está muito acostumado a trabalhar a sua ementa, o seu conteúdo, eu não sei se vai dar conta” (Prof6).

Muitos são os lugares dos professores entrevistados, de múltiplas maneiras diálogos se constroem e caminhos se fazem a sós. Vimos um curso em crise porque em curso, situação própria dos que, ainda que atentos aos portos e paragens, responsavelmente buscam a constituição de novas rotas, mesmo que precárias, porquanto em permanente construção. Atravessando todos estes caminhos, currículos, práticas sociais de leitura, saberes hegemônicos e silenciados na licenciatura. No meio do caminho das Letras, a mídia.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CONTRERAS, José. *A autonomia dos professores*. São Paulo: Cortez, 2002.

MAFRA, Núbio Delanne Ferraz. *Cultura midiática na licenciatura em Letras*. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da Comunicação à Educação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 18, p. 51-61, maio/ago. 2000.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; MACEDO, Elizabeth Fernandes de. Currículo, identidade e diferença. In: —. (Orgs.). *Currículo, práticas pedagógicas e identidades*. Porto: Porto Editora, 2002, p. 11-33.

PRETTO, Nelson De Luca. *Uma escola sem/com futuro*: educação e multimídia. Campinas: Papirus, 1996.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Para uma leitura crítica da publicidade*. São Paulo: Paulinas, 1988.

UEL. Pró-Reitoria de Graduação. Centro de Letras e Ciências Humanas. Colegiado de Letras. Projeto Político-Pedagógico do Curso de Língua Portuguesa e Estudos Literários e do Curso de Línguas Estrangeiras Modernas (Espanhol/Inglês). Londrina, 2005. Digitado.